

CNBB. *Ele está no meio de nós! – O Semeador do Reino – O Evangelho segundo Mateus*. Paulinas, (Paulus, Loyola), São Paulo, 1998. 212p.

O Evangelho mais comentado na tradição da Igreja, passa a ser o mais lido na Igreja do Brasil para o ano em curso. Dentro da programação da CNBB, após o estudo de Marcos e de Lucas, é com Mateus que chegaremos à soleira da porta do ano 2000. E o texto que ora apresentamos servirá como subsídio para preparar esta caminhada.

Muitas pessoas se deram as mãos para nos preparar um prato cheio e apetitoso. Inicialmente, Enilda de Paula Pedro e Shigeyuki Nakanose, unidos na árdua tarefa de redigir um texto a quatro mãos. Logo em seguida, a colaboração atenta e a abnegada assessoria de outros especialistas. Enfim, a equipe de revisão ortográfica e exegetica. A bela apresentação de Dom Clóvis Frainer nos faz saber destes dados, outro ponto positivo para que o livro não apareça órfão ou simplesmente atribuído ao episcopado. O acesso ao público foi facilitado também pela publicação por parte de três grandes editoras: Paulinas, Paulus e Loyola.

O fio condutor do livro é a figura do semeador. Esta metáfora dá unidade a todo o comentário, do início ao fim, costurando parte por parte. A semente, imagem universalmente conhecida, é o Reino semeado por Jesus, um projeto baseado na justiça e na misericórdia. Tão válida para os dias de Mateus e de suas comunidades, a semeadura continua eloqüente para os nossos dias.

O presente comentário é abrangente, no sentido que oferece a explicação de textos com sentido completo, do Evangelho segundo Mateus. É a chamada interpretação por perícopes, não palavra por palavra. Este método, já habitual em nossos comentários bíblicos, dá o sentido global da Escritura, evitando o perigo de perder-se em detalhes elucubrativos.

Trata-se ainda de um comentário atualizado, isto é, para a situação de nossas comunidades de hoje. Este esforço hermenêutico, nem sempre fácil, acende clarões iluminativos para a melhor compreensão da mensagem de Jesus. Mas aqui os autores, com acenos pontuais e discretos, fazem o leitor distraído morder a isca de quando em quando. E a gente se sente engajado. Algumas perguntas esparsas cumprem perfeitamente a tarefa de estabelecer o contato entre as comunidades de Mateus e a vida das comunidades atuais.

Além disso há perguntas explícitas no final de cada capítulo, destinadas ao aprofundamento do conteúdo. Está aí uma boa indicação para o método de leitura do livro, uma leitura comunitária, ou um estudo em mutirão.

Sendo um comentário ao Evangelho segundo Mateus, valoriza mais o material próprio de Mateus, a partir de sua relação com os demais sinóticos, Marcos e Lucas. De maneira semelhante destaca as citações do Antigo Testamento, mantendo o costume do próprio evangelista, que esbanja reflexões sobre a Bíblia Hebraica.

Em síntese, passemos ao conteúdo do livro, em oito capítulos.

A *Apresentação*, clara e didática, põe o subsídio nas mãos do público. Após dizer *para quem e para quem*, ensina *como usá-lo e quando usá-lo*, além de relacionar os *outros subsídios* e de apresentar os *agradecimentos*.

A *Introdução* situa o Evangelho segundo Mateus pelo Norte da Galiléia e Síria entre os anos 80-90 d.C., como fruto da caminhada de diversas comunidades; expõe suas fontes, Marcos, *Quelle* e tradições orais; estrutura Mateus em cinco livros, de maneira concêntrica; e apresenta um método para estudar o Evangelho, em cinco passos.

O capítulo I mostra *O chão donde brotou o Evangelho de Mateus*, isto é, seu contexto histórico e social. A novidade deste panorama introdutório está em apresentar, de maneira clara e didática, as características das comunidades de Mateus, em confronto com as comunidades do judaísmo formativo.

O capítulo II apresenta *Quem é o Semeador?* (Mt 1-2) explicando o início do Evangelho segundo Mateus, conhecido como Evangelho da infância. O comentário coloca esta criança, Deus conosco, Emanuel, na perspectiva de um Messias frágil, novo Moisés, libertador para as camadas excluídas da população.

O capítulo III mostra *A semente da nova justiça: o Reino* (Mt 3-7) parte essencial para a compreensão deste Evangelho. O anúncio do Batista e a tentação no deserto marcam o início da atividade do Semeador, que no Sermão da montanha lança a semente das bem-aventuranças, o Reino dos pobres.

O capítulo IV, *A semente começa a brotar... é o novo povo de Deus* (Mt 8-10), se concentra sobre a narrativa dos milagres e o discurso da missão. O comentário faz a conexão com o surgimento e a missão das comunidades cristãs.

O capítulo V, *No campo há joio e trigo* (Mt 11,1-13,52), é apresentado como o centro do Evangelho de Mateus. Traz as incompreensões e hostilidades diante da clara definição do messianismo de Jesus e revela o mistério do Reino do Céu através da narrativa das sete parábolas.

O capítulo VI, *Cresce a lavoura de Deus* (Mt 13,52-18,35), mostra a formação do novo povo, em meio às inúmeras difi-

culdades a enfrentar e faz um retrato desta nova comunidade de pequeninos.

O capítulo VII, *A vida está na semente* (Mt 19-25), revela a força do Reino. Traz a longa série de instruções do Semeador a seus discípulos e ainda os critérios de avaliação para o juízo final.

O capítulo VIII, *O Semeador dá a vida pela sua lavoura!* (Mt 26-28), põe em destaque os relatos da paixão e morte, assim como da Ressurreição de Jesus.

Em *Apêndice* são apresentados alguns vídeos sobre a leitura da Bíblia, e ademais, de interesse específico, uma bibliografia sobre Mateus, breve e atualizada, privilegiando autores brasileiros.

A teoria de fundo, que norteia todo o comentário, é a que situa a formação do Evangelho segundo Mateus no contexto do judaísmo formativo. Esta teoria, exposta em suas linhas essenciais às páginas 22 a 25 (Edições Paulinas), reza basicamente o seguinte: Nos anos que se seguiram à destruição do Templo de Jerusalém as diversas comunidades judaicas passaram a buscar a correta interpretação e vivência das Escrituras Sagradas. Nesta procura os saduceus, mais apegados ao Templo, perderam o seu chão. Enquanto isso fariseus e escribas ganharam terreno nas sinagogas e na interpretação das Escrituras. As comunidades cristãs se dispersaram. Nos arredores de Antioquia, na Síria, grupos cristãos e grupos judeus se confrontam pela melhor vivência da religião. Este conflito dá sustentação a todo o Evangelho segundo Mateus. Aí transparecem as comunidades cristãs – mateanas — procurando mostrar aos seus irmãos judeus, de tendência farisaica, uma nova maneira de interpretar a Lei e viver a justiça. A estes grupos judaicos de confrontação é que o comentário chama repetidas vezes de judaísmo formativo. Naturalmente nesta visão nem sempre é fácil evitar algumas faíscas de anti-judaísmo.

Enfim, apesar do cuidado na revisão do texto, passaram alguns cochilos gráficos, tais como a datação de Mateus “*entre os anos 80-99*”, ao invés de 80-90, à página 84, ou “o que *que* tem a ver Jesus de Nazaré com o Senhor Ressuscitado?” à página 208, ou ainda “a fé *daquele* pobres e pequenos grupos” à mesma página, entre outros.

Mas nada disto impede que tenhamos um texto fluente, acessível, de fácil compreensão. A linguagem utilizada, com vocabulário popular e frases curtas, conseguiu desatar alguns nós complicados da compreensão do Evangelho segundo Mateus. Resta a certeza de que esta sementeira produzirá abundantes frutos em nossas comunidades.

Valmor da Silva

Antônio Aparecido da Silva (org.), *Existe um pensar teológico negro?* Grupo ATABAQUE – Cultura negra e teologia.
São Paulo, Paulinas, 1998

O grupo ATABAQUE, coordenado pelo Pe. Antônio Aparecido da Silva, Pe. Toninho, desenvolve uma reflexão teológica a partir das práticas sociais, culturais e religiosas das comunidades afro-brasileiras. A reflexão é apresentada a partir de textos elaborados por seus membros componentes, segundo a temática do pensar teológico a partir das raízes e das concepções antropológicas do povo negro.

As reflexões são elaboradas a partir da crítica fundamental ao modo de refletir o dado da fé que se daria basicamente nos paradigmas clássicos do pensamento ocidental. A teologia na sua tradição exige a elaboração de conceitos fundantes, através dos quais se dá a compreensão da relação humano-divino dentro da história. A primeira ruptura realizada pelo pensar teológico negro é que a compreensão convencional da fé é superada pela compreensão da sua prática dentro das realidades concretas.

O elemento fundamental deste pensamento teológico é o fenômeno da inculturação da concepção de Deus, em nível mais teórico e sua prática ritual, em nível litúrgico. Esta inculturação é o instrumental para a relação da prática religiosa e sua reflexão teológica.

Ao longo do texto, seus autores (por capítulos) manifestam a paixão pela causa teológica específica de uma realidade cultural. O percurso histórico revela uma opção eclesial aberta à causa dos empobrecidos e excluídos, nos quais o povo-negro está inserido e participa de suas lutas, motivado por seus líderes, seus profetas e “evangelhos”, muitas vezes lutando contra as pressões ou descaso de forças eclesiais conservadoras.

Dado este componente fundamental, da evolução histórica, o/a leitor/a é convidado a compreender experiência de Deus vivida cotidianamente — no rito e nas vivências religiosas — nas suas várias tradições, que os levou a preservar seus valores e descobrir os sinais de vida.

A maior aproximação da fé cristã se dá na busca de identificação de uma “cristologia de rosto negro”. O Cristo-libertador, preconizado pelos seus profetas “vetero-testamentários”, como Zumbi, Negra Anastácia, Joaquim Nabuco entre tantos nomes, aparece como força transformadora e impulsionadora de sua fé.

No núcleo central das respostas, Ezequiel Luiz de Andrade mostra que os pensadores da realidade afro e sua expressão religiosa têm desenvolvido um caminho de práticas litúrgicas inculturadas e, dentro disso, a elaboração da reflexão teológica.

O terreno fontal da reflexão dá-se no olhar sobre o terreiro, na experiência do memorial Heitor Frisotti. O “terreiro” manifesta

a dignidade, o rosto, a organização social e a força espiritual da comunidade. A comida é também colocada como expressão desta teologia. A mesa é espaço da vivência religiosa, que se codifica de forma poética, musical e teatral. Aqui se está, talvez, elaborando uma veia teológica. O texto precisa ser lido para que cada leitor possa compreender os detalhes da reflexão teológica, realizada por membros da comunidade e simpatizantes. O próprio leitor será muito enriquecido pela leitura e ao final poderá, ele mesmo, responder: afinal, existe um pensar teológico negro?

Antônio Bogaz

Häring, Bernard: *Vida em Cristo Plenificada. As virtudes do cristão adulto* (Grundplan erfüllten Lebens. Tugenden des mündigem Christen). Coed. Ed. Santuário – Editorial Perpétuo Socorro, Aparecida – Porto, 1998. 190 p.

Como identificar um cristão hoje? A questão da identidade cristã se apresenta de forma aguda em tempos de transformações aceleradas. Quando muitos buscam a sua identidade cristã na quantidade de suas emoções religiosas, temos aqui a proposta de quem não apenas estudou a fundo a Moral Cristã, mas soube dar-lhe uma conotação espiritual. Bernard Häring nos oferece não um tratado sobre as virtudes do cristão adulto. Em rápidas pinceladas ele nos dá o núcleo central de onde emanam as energias vitais do cristão. Nos três primeiros capítulos, o autor correlaciona o ser virtuoso com as três pilastras da vida moral humano-cristã: a opção fundamental como a razão de ser do ser moral do cristão, a liberdade como sua exigência maior por força da própria revelação de Deus em Jesus Cristo e o exercício dessa liberdade pelo secretíssimo, inviolável e inalienável da consciência cristã.

Dessa configuração nuclear do cristão pode-se dizer que a vida cristã é um consciente viver auto-implicativo visando, no concreto da existência, manifestar a razão última do próprio existir, isto é, o sentido da vida humana segundo Jesus Cristo. Essa referência a Jesus Cristo é feita pela explicitação da virtude maior da Caridade como o amor que vence, amor que confia, o amor que é justiça, mas igualmente por todas as demais virtudes que a espiritualidade cristã foi pondo em evidência: prudência, fortaleza, temperança, misericórdia, gratidão, fidelidade, vigilância, resistência, confiabilidade, penitência. Mas o toque de originalidade do tratado está em conseguir, o autor, resgatar para a vida do cristão adulto certas energias vitais para a convivência social

como a 'santa impaciência', a dúvida, a alegria, o humor, a ironia e até a sátira. Enfim, um elenco que dá uma cor inusitada para o ser cristão. Uma configuração do ser cristão que, de longe, supera uma concepção individualista, pois não se reivindica que todos tenham todas essas virtudes. Mas sim, que todas façam parte de 'cada pessoa em comunidade'. Sendo assim, a comunidade cristã é mais que o palco de exibição dos cristãos virtuosos, antes ela é compreendida como um sujeito coletivo. E enquanto tal, deve fazer resplandecer a partir do seu interior: a capacidade de dialogar, a obediência adulta, a abertura de espírito, o saber ganhar perdendo.

Dois trechos entre muitos outros ilustram esse desafio eclesial: *"Qualquer comunidade cristã, para não falar da Igreja Universal, deveria ser um lugar privilegiado de sinceridade e de transparência absoluta em todas as relações. E é aqui que reside um dos principais problemas da Igreja no mundo contemporâneo. O centralismo crescente, a preocupação exagerada por controlar tudo e impor o conformismo ou outras atitudes semelhantes, a tendência para absolutizar a autoridade e a obediência visível mesmo nas mínimas coisas, não se coadunam com a rectidão, com a credibilidade e com a sinceridade absoluta."* (pg. 167).

Eis como aplica a situações concretas aquilo que ele identifica como serenidade e que, explicitamente, diz não poder ser confundida com uma 'cansada resignação': *"Aplicamos agora esta concepção de paz interior à nossa actual situação na Igreja. Há muitos homens e mulheres que se sentem chocados e feridos pela doutrina — proclamada insistentemente como irrevogável — segundo a qual as mulheres não são, por desígnio de divino, idóneas nem capazes de exercerem plenamente a missão pastoral. Muitíssimos pastores de almas, e uma grande parte do povo de Deus, ficaram comovidos e desconcertados pela proibição, sem excepções, imposta aos divorciados que se voltaram a casar, de participarem na comunhão eucarística, sem que renunciem de vez aos direitos conjugais do seu segundo casamento. Todos nós, e não só os divorciados, somos também afectados. Quantos não sofrem com os que são directamente atingidos! Pela minha parte, sinto muita compaixão por aqueles bispos e sacerdotes e leigos que não sentem qualquer espécie de tristeza por isso, mas que, apesar de todas as suas debilidades e pecados, comungam tranquilamente."* (p.152).

Por último, um lembrete: o leitor brasileiro tem aqui uma exemplificação de como o nosso linguajar brasileiro está se distanciando do Português de Portugal.

Luiz Gonzaga Scudeler